

Centenário de Lauro Esmanhoto: uma vida dedicada à administração da educação paranaense e brasileira

Lauro Esmanhoto's Centennial: a life dedicated to the administration of education in Paraná and in Brazil

Centenario de Lauro Esmanhoto: una vida dedicada a la administración de la educación del Estado de Paraná y de Brasil

NAURA SYRIA CARAPETO FERREIRA¹

Resumo: Este artigo que decorre de uma pesquisa sobre a vida e a obra do Professor paranaense Dr. Lauro Esmanhoto, destaca o exemplo de educador que forma pela palavra e pela ação. Professor, em todos os níveis de ensino, foi administrador e o precursor da Administração da Educação e Educação Comparada no Estado do Paraná e no Brasil. Fundador da ANPAE, Professor emérito da UFPR entre outros títulos e feitos. O artigo objetiva, a partir de fontes primárias e secundárias, trazer à luz a história de vida de um educador, professor, político e gestor que dedicou toda a sua vida ao ensino, à educação e à luta política em prol da educação de qualidade para todos.

Palavras chave: administração da educação; história da educação; política; cidadania; Lauro Esmanhoto.

Abstract: This article results from a study into the life and works of Paraná-born Professor Dr. Lauro Esmanhoto, an exemplary educator who educates using words and actions. A professor on all levels of teaching, he was also an administrator and precursor of Educational Administration and Comparative Education in the state of Paraná and in Brazil. Dr. Esmanhoto was founder of ANPAE, emeritus professor with UFPR, among other titles and deeds. This article aims to use primary and secondary data to bring to light the history of an educator, teacher, politician and manager who dedicated all his life to teaching, to education, and to the political fight for quality in education for all.

Keywords: educational administration; history of education; policy; citizenship; Lauro Esmanhoto.

Resumen: Este artículo, que tiene origen en una investigación sobre la vida y la obra del profesor del Estado de Paraná, Dr. Lauro Esmanhoto, resalta el ejemplo de educador que forma a través de la palabra y de la acción. Profesor, en todos los niveles de la educación, fue el gestor y el precursor de la Administración de la Educación y Educación Comparada en el Estado de Paraná y en Brasil. También fue fundador de la ANPAE, profesor emérito de la UFPR, entre otros títulos y hechos. El artículo tiene como objetivo, a partir de fuentes primarias y secundarias, echar luz sobre la historia de vida de un educador, profesor, político y gestor, que ha dedicado toda su vida a la enseñanza, a la educación y a la lucha política en pro de la educación de calidad para todos.

¹ NAURA SYRIA CARAPETO FERREIRA é doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professora Titular da Universidade Tuiuti - PR. E-mail: nauraf@uol.com.br

Palabras clave: administración de la educación; historia de la educación; política; ciudadanía; Lauro Esmanhoto.

A única missão legítima da investigação educativa consiste em desenvolver teorias da prática educativa que estejam arraigadas nas experiências concretas dos atores da educação e que tencionem colocar e resolver os problemas decorrentes de tais experiências e situações (CARR e KEMMIS, 1988, p.13).

INTRODUÇÃO

Muitas importantes histórias de vidas são biografadas ou autobiografadas, relatadas e admiradas como exemplos e outras “passam” ao largo, mesmo tendo dado uma relevante e inestimável contribuição à sociedade humana e à educação. Octávio Ianni sempre aludiu, em sua obra e aulas, à importância de se considerar o ser universal que existe em cada homem singular, que “escreve” a sua história na história da humanidade que, dialeticamente, se consubstancia em cada ser humano. E acrescentava que o singular e o universal se confundem, um contém o outro e ambos se constituem. Com esta mesma compreensão, Franco Ferrarotti (1988, p.27) afirmou que “[...] se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”. Ele reafirma, desta forma, a importância que as histórias de vida possuem no que concerne, entre várias outras razões, a de se constituírem em elemento precioso para reflexão, estudo e formação das atuais e das novas gerações. As histórias de vida e, em especial, da chamada “vida” profissional, que se constitui desta dimensão de uma pessoa e que se constrói na relação íntima com a dimensão pessoal, têm dado origem a reflexões extremamente significativas para as ciências humanas e, particularmente, para a Pedagogia.

Com esta compreensão é que este trabalho foi elaborado, decorrendo de uma pesquisa sobre a vida e a obra do professor paranaense Lauro Esmanhoto, que exclusivamente foi e só deixou exemplo de educador que forma pela palavra e pela ação, sempre presente junto a seus alunos e a todos que percebia estarem necessitando de algo. Educador “por natureza”, dedicou toda a sua vida ao ensino, à educação e à luta política em prol da educação de qualidade para todos. Portanto, mais do que uma necessidade histórica, este trabalho constitui-se numa necessidade de evidenciar, através da investigação histórica, a história de uma vida

que muitos exemplos deixou e que muitas vidas marcou. Objetiva trazer à luz a história de vida de um educador que construiu vidas e muita vida promoveu, nas “lutas” que ensinou no seu “dia a dia” de professor.

Lauro Esmanhoto é um exemplo de vida profissional, em todas as dimensões da vida, que necessita ser conhecida, pela relevante contribuição que deu à Curitiba, ao Paraná, à educação brasileira e à sociedade humana, como educador, radialista, administrador da educação e político que lutou pelas causas da educação com convicção e pioneirismo.

Por isto, a importância de se tentar escrever sobre sua vida e seus feitos, que traduzem a necessidade de buscar, nas raízes do já existido e vivido, no mundo em que se vive, como uma necessidade histórica que nasce na trajetória da humanidade, em cada ser humano que teve o privilégio de poder ver e aprender exemplos humanos, histórias humanas que marcaram a vida humana e a humanidade. É a isto que se propõe este trabalho, cujo conteúdo emerge da pesquisa em desenvolvimento na linha de Políticas Públicas e Gestão da Educação do PPG-ED. Para viabilizar, com a maior fidedignidade possível, o objetivo proposto, foram usadas fontes primárias e secundárias.

LAURO ESMANHOTO: UMA VIDA DE EDUCADOR

A necessidade de se “ler o texto no contexto”, como sempre afirma o professor Dermeval Saviani, conduz a situar a vida de Lauro Esmanhoto no contexto onde foi vivida.

Capital do Paraná, Curitiba era, no início do século XX, uma pequena cidade, pacata e ordeira, que dava seus primeiros passos em direção à modernização, configurando as transformações pretendidas pelas elites ao longo do século anterior. Cercada por diversas colônias de imigrantes, tinha uma população cosmopolita, que se adensava rapidamente.

Assim como outras cidades do estado – Castro e Ponta Grossa, no auge econômico da época –, Curitiba passou a ter uma intensa atividade cultural, representada pelo crescimento do número de jornais, de construção de escolas e da participação de paranaenses em movimentos que marcaram a época, como o positivismo, o neopitagorismo, o simbolismo, o anticlericalismo, o kardecismo, a maçãria, o catolicismo clericalista, o paranismo.

A construção de escolas, no início do período republicano, refletia a crença de que a multiplicação das instituições escolares conduziria a uma popularização do ensino, determinante do desenvolvimento das nações. Além da construção de escolas nos núcleos urbanos, a malha escolar espalhava-se pelos arredores das cidades, agregando as *escolas isoladas*, que eram também moradia do

professor. Em diversos locais, a presença do imigrante era também propulsora da criação de escolas públicas (TRINDADE e ANDREAZZA, 2001).

Significativo, também, foi o aumento do número de escolas particulares em todo o Estado, dos pequenos estabelecimentos às instituições de maior prestígio social, que se empenhavam em bem preparar seus alunos para ingressarem no *Gymnasio Paranaense* ou na *Escola Normal* da capital.

Dentre as instituições particulares laicas, no decorrer do tempo, de 1880 a 1930, multiplicaram-se as escolas de imigrantes e, em oposição a estas, foram introduzidas, gradativamente, as escolas confessionais protestantes ou católicas – o maior contingente.

O amplo projeto educacional público e privado acabou por incluir, em 1912, a tentativa de criação de uma Universidade do Paraná. Como a legislação federal impediu a criação da Universidade, o prédio construído para este fim passou a abrigar as faculdades de Direito, Medicina e Engenharia.

Neste cenário, nasce, em 02 de maio de 1913, Lauro Esmanhoto, na localidade de Botiatuvinha, bairro de Santa Felicidade em Curitiba, filho de imigrantes italianos. Lauro costumava dizer que “já frequentava a escola antes de nascer”, pois sua mãe, Sílvia Fernandes Esmanhoto, era professora primária e, grávida, lecionava na escola que funcionava contígua à casa da família. Com ela sentiu e aprendeu a grandeza e o valor de criar vida nas vidas dos alunos, através da educação. E a isto dedicou toda a sua existência. Com seu pai, José Esmanhoto², marceneiro, aprendeu a arte e a habilidade de construir, não objetos materiais, mas vidas humanas. A respeito de sua origem e do contexto familiar, Lauro Esmanhoto quando, em entrevista³ realizada em 1999, lhe foi perguntado sobre a sua “caminhada”, do ponto de vista de sua família, das condições que porporcionaram seus estudos nessa época e o desenvolvimento econômico, desde o início de sua vida, assim se expressou:

Eu deveria fazer justiça a uma situação de conveniência, dessas que a gente nem sabe porque. Criei-me numa colônia italiana onde fiz algumas observações que aproveito até hoje, quando vejo a crise econômica do Brasil atual. Os imigrantes, que vieram da Itália, não eram analfabetos, eles não vieram simplesmente sem profissão, sem alguma preparação para a vida, porque conhecendo as famílias, através dos alunos que frequentavam a escola de minha mãe, eu sabia de cada família atuando em duas áreas de trabalho, porque cada morador tinha a sua própria profissão, qualquer profissão que você imagina necessária a uma

² Em 1998, a família Esmanhoto comemorou cento e vinte anos de imigração.

³ Em 1999, professores do Departamento de Planejamento e Administração Escolar realizaram uma entrevista com o Professor Lauro, que foi gravada em fita de vídeo e que faz parte da Videoteca do setor de Educação da UFPR. Foram entrevistadores os Professores Evaldo Montiani Ferreira e a Professora Maria Dativa de Salles Gonçalves.

comunidade rural, barbeiro, sapateiro, pedreiro, acougueiro. Tudo isto havia na comunidade porque havia um profissional competente para fazer isto. E a outra profissão era a de lavradores. Todos sabiam lavrar a terra. Todos tinham um pequeno sítio onde plantavam, com jardim, pomar, parreiral e tudo que é necessário para uma família viver. Assim, havia um trabalho em conjunto que daria até para organizar uma banda de música (ESMANHOTO,1999).

Com visível sensibilidade e orgulho do contexto em que nasceu e viveu, no início de sua vida, enfatizou como sua origem familiar foi o berço de suas idéias comunitárias e, fundamentalmente, das relações escola, família e sociedade, na formação para a cidadania, princípio que tanto defendeu e desenvolveu em todas as formas de trabalho que exerceu ao longo de sua vida. Salientou, nesta ocasião, o valor do trabalho conjunto de toda a comunidade e como este trabalho criava o espírito coletivo de bem comum, tão raro nos dias atuais. Este espírito, que conduziu toda a sua existência, pautava-se neste trabalho conjunto de toda a comunidade, que tanto defendeu em todas as suas lides e que serviu de lição para suas análises posteriores como quando comparou com o que acontece:

[...] hoje, nos nossos meios rurais – os bóias-frias. De onde surgem? Que são os Bóias-frias? Parece um paradoxo aos nossos conterrâneos nós negarmos o direito de ter um sítio, uma profissão e até duas profissões além da possibilidade daquele trabalho conjunto, tão necessário para construir até uma banda de música. Assim surgia um movimento que naquele tempo se chamava de “pichirum” do dialeto italiano, e que vem a ser, mais ou menos, um mutirão nos tempos atuais, mas com uma fundamental diferença, o “pichirum” era um esforço organizado espontâneo e permanente da comunidade. Pertencia ao costume da comunidade. Tal era o costume da comunidade e isto propiciava o desenvolvimento econômico (ESMANHOTO,1999).

Assim, salientava e estabelecia um paralelo substantivo para a educação, contrapondo-se ao individualismo tão acirrado nos dias atuais, em que o capitalismo globalizado se tornou violento e bárbaro. Estabelecia um paralelo entre o espírito do “pichirum” e o do mutirão, que não tem a característica de ser um movimento organizado, permanente, espontâneo, voluntário e, por isto, solidário.

Com esta vivência, desde os 10 anos de idade não descansava mais enquanto não viesse estudar na cidade, o que encontrou eco no coração de sua mãe que, como professora, consciente da importância dos estudos além do ensino primário, convenceu seu pai a mudar-se para a capital. Seu pai veio ocupar uma vaga em uma fábrica de balas, café e bolachas de um de seus irmãos, como torrador de café “trabalho duro, até brutal, só para quem estava habituado a um serviço braçal” (ESMANHOTO, 1999). Sua mãe, na condição de professora, recorreu ao então Inspetor Geral do Ensino Professor Lysímaco Ferreira da

Costa, que viabilizou sua transferência para uma escolinha isolada no bairro do Barigui⁴, onde seus filhos estudaram.

“Sendo herdeiro da vida mais intelectual de minha mãe” (ESMANHOTO, 1999), seguiu a vocação forjada no dia a dia desta história familiar e, já aos dezesseis anos, tornava-se professor de matemática, disciplina que sempre lecionou ao longo de sua vida e que, sempre que podia, defendia “como uma das mais importantes matérias para desenvolver o pensamento dos alunos”.

Era, então, presidente da Província do Paraná, o Senhor Caetano Munhoz da Rocha, “político muito esclarecido, homem de Estado que compreendia muito bem a importância da educação para o desenvolvimento do povo, considerado como um dos maiores benfeitores da educação no Paraná”, que trouxe a 1ª Conferência Nacional de Educação para o Estado. Neste período, ainda, foi criada a Caixa de Seguro de Vida, que garantia aos professores este benefício, desde que fossem contribuintes.

Nos primeiros anos de sua vida de professor, percorria a pé os vários quilômetros que separavam sua casa da escola onde exercia o magistério, o Colégio Bom Jesus, no qual lecionava a tão querida disciplina matemática, retornando na carroça dos amigos que vendiam verduras na cidade. Sempre contava que, com estes companheiros, sentiu a vontade que cada um tinha de poder estudar e ter acesso aos bancos escolares. Com eles, se compadecia da impossibilidade e arquitetava possibilidades. Com eles, vivia uma realidade dura mas repleta de sonhos futuros. Seu entusiasmo crescia, assim, com o vigor de quem acredita que pode transformar a realidade existente, pela ação efetiva na construção do espaço societário em que vive. Assim sentia, pensava! Assim pensou e realizou.

Cursava, ainda, a Escola Normal reformada por Prieto Martinez e Lysimaco Ferreira da Costa, na década de 1920, quando conheceu Lindamir de Lourdes Guimarães, sua colega de cursos e magistério, com quem se casou em 1937, constituindo uma família de sete filhos.

Nos anos que se seguiram, foi incumbido do ensino da matemática também no Colégio Belmiro César, entre 1937 e 1943; no Colégio Nossa Senhora de Sión, no mesmo período e, também, no Colégio Sagrado Coração de Jesus - escolas que faziam parte da rede particular confessional em Curitiba. Nessas escolas, não só lecionou matemática, como participou da administração escolar, coordenando e criando espaços de debates entre a família e a escola.

⁴ Para lá, depois de transferida, se dirigia a Professora Sílvia conduzindo uma “carruagem”, que era uma “aranha” (expressão usada na época) de duas rodas, puxada por uma égua trazida de Botiatuvinha, para lecionar na escolinha isolada. Ou, quando não, ir de bonde até o bairro do Seminário e, de lá a pé, alguns quilômetros até o Barigui.

Como amava a matemática enquanto ofício de Mestre⁵, tinha como ofício, também, a constante “busca” de novos conhecimentos, novas fontes, nova bibliografia, novas compreensões, às quais se dedicava para situá-las no contexto histórico da época. Como tantos eminentes educadores, repensava e reescrevia a história da educação centrada no que considerava fundamental para a sua qualidade: a administração da educação. Era através da administração da educação que o educador, os sistemas educativos e as instituições escolares poderiam garantir a qualidade do ensino, da formação dos educandos.

Embora perfeitamente adaptado e entrosado no meio docente, sonhava em ampliar seus conhecimentos e poder, com eles, através de uma formação superior, ser mais atuante na sociedade humana. e, assim, decidiu expandir-se para além daqueles “muros escolares”. Seu sonho de ingressar na Faculdade de Direito se realizou em 1937, quando iniciou seus estudos na Universidade do Paraná, que ainda não era universidade federal, cursando os dois primeiros anos, enquanto lecionava no primário e no secundário para manter a família e custear a universidade que, naquela época, era paga. Mesmo tendo obtido bolsa, teve que interromper um ano para trabalhar, a fim de garantir o sustento de sua esposa e filhos. Retornou no ano seguinte, cursando o 3º ano e, novamente, necessitou afastar-se por mais dois anos, pelo mesmo motivo. Voltou, finalmente, à Faculdade e a cursou até formar-se, em 1945.

Nesta época, suas qualidades como professor de matemática abriram novos caminhos. Credenciado pelo MEC, atuou no Colégio Estadual do Paraná, onde foi catedrático interino da primeira cadeira de Matemática em 1944, permanecendo até 1955. Sempre preocupado com a educação no seu sentido amplo e compromissado criou, no Colégio Estadual, a Associação de Pais e Mestres, que passou a atuar de forma dinâmica e com a participação efetiva de pais e professores.

Todavia, enquanto cursava a Faculdade de Direito, participava do Círculo de Estudos Bandeirantes na Universidade do Paraná, que foi o núcleo dos primeiros professores da Faculdade de Filosofia, inicialmente mantida pela Congregação dos Irmãos Maristas. Dentre os que participavam deste Círculo figuravam, entre outros, Dr. Líguaru Espírito Santo, Dr. Bento Munhoz da Rocha, Dr. Mansur Guérios, Dr. José de Sá Nunes.

Nesta época, os cursos tinham o formato de três mais um, isto é, três anos de conteúdo específico, que formavam o Bacharel, e um ano das chamadas disciplinas pedagógicas, que formavam o Licenciado.

⁵ Toma-se emprestado a Miguel Arroyo, o termo “ofício de mestre” por caracterizar e expressar, com vigor, o trabalho profissional digno e dedicado do Professor Lauro em todos os seus “ofícios”.

Administração Escolar e Educação Comparada eram, ambas, disciplinas integrantes do currículo do Curso de Pedagogia, porém a Administração Escolar era uma disciplina obrigatória do currículo dos cursos de Licenciatura. Em 1940, o Professor Lauro foi convidado, neste Círculo de Estudos Bandeirantes, pelo Dr. Mansur Guérios, a assumir a cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada. Em 1940, a primeira turma estava para se formar e ainda não tinha tido esta disciplina. O Diretor da Faculdade de Filosofia, Dr. Loureiro Fernandes que era, também, o presidente do Círculo de Estudos Bandeirantes, conduziu o Professor Lauro ao Reitor, Padre Jesus Balhaim que, após uma entrevista, ratificou o convite. E, assim, o Professor Lauro ingressa como professor da Faculdade de Filosofia – a terceira do Brasil - em 1940.

Integrou, desta forma, o quadro de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com o Instituto de Educação em anexo, como catedrático da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada, disciplinas a que se dedicou por toda a sua carreira universitária.

Muitas dificuldades se sucederam no início desta docência, na organização das disciplinas, no que concerne à bibliografia e à biblioteca. Além dos Professores Milton Rodrigues e Carneiro Leão, sucessivamente autores dos livros de Educação Comparada e Introdução à Administração Escolar, mais nada havia no Brasil. Debruçado sobre estes conteúdos e suas fontes, Professor Lauro foi às fontes que eram americanas. Assim, contatou a Civilização Brasileira e encomendou os livros mais nominados. Quando recebeu o aviso do Correio de que os livros haviam chegado, o valor dos mesmos era exatamente o correspondente a um mês de seu salário. Gestionou, então, junto ao Professor responsável pelas finanças da Faculdade, que disse não haver numerário para esta despesa. Intensificou-se, desta forma, a saga do Professor por livros, bibliografia e bibliotecas.

A primeira turma de Pedagogia da Faculdade de Filosofia era composta por um número reduzido de alunos – em sua maioria homens – e duas mulheres, que se formaram e logo ingressaram no corpo docente: Professora Porcia Guimarães Alves e Professora Eny Caldeira.

Em 26 de abril de 1947, Professor Lauro Esmanhoto, com uma plêiade de educadores que comungavam princípios comuns, entre eles, Professor Faustino Fávero, Professor Dyonel Bond Carneiro, Professor Flávio Molleta Maurer; Professor Osvaldo Pilloto, Professor José Scheinkmann, Professora Ariosvaldina Andrade Loureiro, Professor Tufi Salum, Professora Rosinha Macedo e Professor Ocyron Cunha – todos professores da rede pública do Estado do Paraná - fundaram a Associação de Professores do Paraná – APP⁶. Nesta

⁶ A seção de instalação da Associação de Professores do Estado do Paraná – APP, teve a presença do Secretário de Educação Professor Lauro Portugal Tavares que, a convite do grupo fundador, presidiu esta solenidade de fundação.

ocasião, assumiu a Secretaria Jurídica desta entidade que, graças ao empenho e dedicação de seu fundadores, muito tem realizado através da participação efetiva no Estado e das lutas políticas em defesa da Escola Pública – princípio este que Lauro Esmanhoto sempre defendeu. “Precisamos lutar por uma escola pública de qualidade para todas as crianças e até os adultos que ainda não tiveram acesso aos bancos escolares”, afirmava ele, periodicamente, incentivando seus pares e alunos a defender isto que, para ele, era um princípio.

Ampliando sua formação diversificada e com o seus anseios de “qualidade de vida e de educação para todos e uma formação digna para a cidadania”, candidatou-se e foi eleito, em 1947, com mandato até 1950, vereador da Câmara Municipal de Curitiba. Elegeu-se no dia 16 de novembro de 1947 e tomou posse no dia 16 de novembro do mesmo ano. Nesta Casa, fez parte da Comissão de Legislação e Justiça, onde teve atuação singular. Foi como vereador que elaborou o Projeto de Lei que criava o Fundo Municipal de Educação e garantia matrícula no ensino primário a todas as crianças curitibanas. Este Projeto de Lei converteu-se na Lei nº 125, de 20 de agosto de 1948, e lançou as bases do que seria, mais tarde, o Sistema Municipal de Ensino de Curitiba. O conteúdo da Lei fundava uma outra concepção de ensino público, que expressava a possibilidade de que as crianças sem condições financeiras de pagar escola – como seus amigos com quem retornava do Colégio Bom Jesus – pudessem estudar na forma escolarizada. Assim ficou expressa a Lei Nº 125:

Art. 1º - Fica assegurada a frequência gratuita nas escolas primárias deste Município, às crianças nascidas em Curitiba, de 19 de dezembro de 1947 em diante.

Art. 2º - Fica instituído o Fundo Municipal de Educação. O qual será formado por uma percentagem da arrecadação anual tão somente dos impostos, na forma do Art. 169 da Constituição Federal, consignando-se a respectiva dotação no orçamento do município, a partir de 1949; por donativos especiais e por contribuições regulares, anuais ou não, de pessoas naturais ou pessoas jurídicas de direito privado que queiram cooperar na execução do plano de ensino primário do Município da Capital; e bem assim, pelos legados que forem instituídos e por qualquer outros recursos de proveniência particular com essa finalidade específica.

Parágrafo único – A dotação orçamentária, prevista no presente artigo será de 15% sobre os impostos de 1949, e assentará, gradativamente, nos exercícios seguintes, de maneira a atingir pelo menos 29%, no ano de 1953.

Art. 3º - as importâncias atribuídas ao Fundo Municipal de Educação serão depositadas em estabelecimento bancário do Município e escrituradas em conta corrente com juros à disposição do Poder Executivo Municipal, e só poderão ser aplicadas de acordo com o plano elaborado pelo Prefeito e aprovado pela Câmara Municipal.

Art. 4º - Quando a pessoa de quem provier a doação determinar expressamente a aplicação que deva ter no plano de ensino, o Poder Executivo municipal providenciará o sentido do exato cumprimento da determinação.

Percebe-se, assim, que os anseios de educação para todos se formaliza com esta Lei, que assegura o ensino escolar a todas as crianças de Curitiba. Desta forma,, como político que fora eleito sem pertencer a nenhum partido⁷, Lauro Esmanhoto, com esforço e prestígio pessoal como professor, ao assumir a legislatura, cumpre com o dever sentido na infância, junto a seus amigos, de propiciar escola para todos.

Como professor, acompanhou as mudanças pelas quais passava Curitiba e o Estado, desde as políticas educacionais de Manoel Ribas, sua preocupação com as escolas de trabalhadores rurais e a construção de grupos escolares em todo território estadual, até a nova modernização do estado, com Moisés Lupion e Bento Munhoz da Rocha e a construção do novo prédio do Colégio Estadual do Paraná, onde foi lecionar.

Neste período, os governantes se debatiam entre o desejo de modernização, representado pela construção de imponentes edifícios escolares, e a demanda sempre crescente por vagas nas escolas, por uma população que crescia significativamente, devido à expansão da ocupação do norte e sudoeste do estado. Lauro Esmanhoto não ficou alheio e logo engajou-se na luta pelo aumento de vagas nas escolas, pois postulava, sempre: educação para todos.

Na década de 1950, torna-se radialista, apresentando na Rádio São José dos Pinhais um programa de reflexão sobre a família e a educação dos filhos. Através deste meio de comunicação, ressaltava a importância de a família participar das decisões da escola na formação das crianças. Defendia a escola gratuita para todas as crianças e a íntima relação desta coma a família e a comunidade. Permaneciam presentes e muito fortes as belas lições aprendidas na infância, na vivência da comunidade italiana, que ensinaram o valor da participação organizada, espontânea e permanente, que revela o verdadeiro espírito de solidariedade.

Também em 1950, dá-se a federalização da Universidade do Paraná, que se torna Universidade Federal do Paraná, ocasionando que a Congregação dos Irmãos Maristas que, até então, era a mantenedora, se retirasse e desse início à organização de sua instituição, que veio a ser a Universidade Católica do Paraná, hoje Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Da organização, estruturação e funcionamento do Curso de Pedagogia desta nova instituição fez parte o Professor Lauro Esmanhoto, que lecionou Administração Escolar e Educação Comparada por muitos anos, concomitantemente, nas duas universidades do Estado do Paraná.

⁷ No Documento “Levantamento das Legislaturas e Vereadores (1947-2000)”, da Câmara Municipal de Curitiba, elaborado pelo Setor de Biblioteca da Câmara Municipal de Curitiba, que tinha como Chefe do Setor a bibliotecária Walquíria Braum Martins, estão registrados como Vereadores sem Partido os nomes de dez vereadores, entre eles o de Lauro Esmanhoto. No mesmo Documento, consta existirem vereadores pelos partidos: P. Libertador, P. Republicano, P. Social Trabalhista, P. Social Democrático, União Democrática Social, P. Trabalhista Brasileiro.

Porém sua trajetória de docente e administrador escolar não se reduziu e circunscreveu a essas duas instituições. No período de 1955 a 1960, dirigiu a Divisão Técnica de Ensino do Departamento Regional do SENAC, onde teve a oportunidade, não perdida, de aprimorar seus estudos de administração da educação na relação educação e trabalho, que se fazia nas condições da época. O SENAC funcionava, nesta época, junto com o SESC e possuindo um mesmo Diretor Geral. A respeito, relata na entrevista dada aos professores do DEPLAE:

Fui convidado a assumir a Direção de ensino do SENAC substituindo o Professor Danilo Lorusso, que tinha sido meu aluno na Universidade Federal do Paraná. Esse foi um trabalho que me apaixonou, que me agradou bastante, apesar de minha inexperiência e que sou muito grato por ter tido esta oportunidade. O SENAC, nesta época, vivia intensamente a bandeira da “paz social” levantada pelos seus fundadores Dr. Roberto Simonsen (pai), representante das indústrias e Dr. João Daut de Oliveira, representante do comércio(ESMANHOTO, 1999).

Em cada palavra e em cada gesto, sempre, a humildade característica de sua personalidade e de seu caráter digno. Por mais que sempre contribuísse com seu trabalho e com sua mente prodigiosa, sempre salientava seu sentimento de gratidão.

Acreditando e sempre defendendo que “quanto mais a escola ajudar a família, tanto mais a família ajudará a escola”, foi convidado para dirigir, no ano de 1960 e nos três anos seguintes, o Serviço de Relações da Escola com a Família e a Comunidade, junto à Secretaria de Educação do Paraná, onde difundiu seu pensamento, sempre concretizado na organização e administração da educação com a participação da família e da comunidade. Era esta a sua concepção de educação, que desenvolvia e aprimorava em cada setor de trabalho que assumia e exercia.

Toda a sua vida, através de suas iniciativas e trabalhos, revelam e refletem sua preocupação com o social e sua concepção humanista de mundo e de educação. Nenhum fato ou acontecimento de natureza política, administrativa, pedagógica ou social deixou de ter ressonância em seu íntimo e em suas ações, sempre propositivas e à frente de seu tempo.

Preocupado com a qualidade de vida humana, jamais se conformou com a política da Educação no Brasil. Suas idéias eram corajosas e seus argumentos convincentes, porque baseados em seus profundos estudos e investigações sobre a natureza humana e a formação para a cidadania. Por isto acreditava, com todo entusiasmo, na educação como mola propulsora da promoção humana de cada cidadão em particular. Fazia de seus estudos e reflexões, oriundos dos contatos que tinha com intelectuais de renome internacional, do mundo todo, na área da Administração da Educação e da Educação Comparada, sua prática de educador,

de gestor da educação: alfabetizar pessoas que prestavam serviços domésticos em sua casa e, sempre lá, após suas atividades profissionais, dois ou três estudantes, “vítimas” da matemática encaminhados pelos vizinhos, iam aprender com o Professor Lauro, não só a matemática como as lições de cidadania e de vida.

Dirigiu o Instituto de Educação do Paraná no período de 1964 a 1966, com as dificuldades que este período histórico apresentava, jamais abandonando sua concepção de educação voltada para o social, com a participação da comunidade. Concomitantemente, criou e chefiou o Departamento de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná e o então Gabinete de Administração Escolar e Educação Comparada que, depois, com a Reforma Universitária, passou a se denominar Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Faculdade de Educação, hoje Setor de Educação.

Na entrevista já mencionada, relata sua imensa satisfação de ter participado, em Curitiba, do CISP – Centro de Investigação Social e Política, que foi criado e fundado por seus alunos das primeiras turmas de Pedagogia da Universidade. Este Centro, além de outras atividades, objetivava atender à exigência, feita pelos governos Federal e estaduais, da criação dos Planos Diretores de Administração nos municípios. A este trabalho se dedicou e a este respeito assim relatou:

Tratava-se de um trabalho interdisciplinar de equipe, com um profissional urbanista, um engenheiro, um médico, e profissionais das outras áreas, somando em torno de dez a doze, que colhiam in loco as informações necessárias para elaborar o Plano. Entre os trabalhos lá realizados, o que muito me gratificou foi participar da criação e fundação da Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, na qual organizei o Curso de Pedagogia. Sou muito grato por esta oportunidade que muito me gratificou (ESMANHOTO, 1999).

A gratidão, aliada à competência e ao seu forte compromisso social impulsionavam, sempre, o Professor Lauro às realizações e à investigação cuidadosa sobre o seu trabalho e as consequências possíveis. Suas constantes interlocuções com outros professores de Administração Escolar e Educação Comparada no Brasil se expandiram e, então, surgiu a necessidade de fundar uma sociedade científica que possibilitasse aprofundamentos sobre a área. Assim, compôs com educadores nacionais como Anísio Teixeira, Quirino Ribeiro, Carlos Mascaro e outros, a equipe que fundou a ANPAE - Associação Nacional de Professores de Administração Escolar, na USP, em 1961, hoje denominada Associação Nacional de Política e Administração da Educação.

Em todas as suas áreas de atuação, através de suas produções, intervenções, objetos de sua investigação contínua, Professor Lauro Esmanhoto defendia: “Consciência social da educação”, “Código de ética para professores”, “Uma solução do problema educacional para a incipiente democracia brasileira”, “A Faculdade de Filosofia é a alma da Universidade”, “Cinco mil crianças sem

escola”, “O magistério, a profissionalização e a ética” . Estas foram, dentre tantas outras, questões tratadas sempre, com insistência, que transpareciam em cada conversa que alimentou com seus alunos, colegas e em cada artigo que escreveu ou discurso que proferiu, quer como professor, ou como membro da Câmara de Vereadores de Curitiba.

Além disto, preocupava-se, também, com a formação dos quadros universitários de alta qualidade e, desta forma, idealizou e liderou a criação do Curso de Mestrado em Educação da UFPR, emprestando seu prestígio e sua força profissional para instalar este Programa que, hoje, não só serve à comunidade para compor a massa crítica universitária, como também é referência nacional. O Curso de Mestrado em Educação se concretiza, de fato, em 1976, quando, em ação conjunta com a Professora Zélia Miléo Pavão, então Diretora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, envidou todos os esforços para que mais este ideal se concretizasse. E, assim, passou o Professor Lauro a ser professor neste primeiro *Stricto Sensu* em Educação do Estado do Paraná, o qual coordenou por vários anos.

Foi o primeiro professor brasileiro a pertencer ao quadro de membro sócio da AASA - Associação Americana de Administração, entidade científica de projeção no cenário internacional, na área de seu objeto de investigação, através da qual intercambiava, com outros intelectuais da América do Norte e demais centros universitários, seus estudos, reflexões e preocupações com uma educação de qualidade para todos. Defendia, então, que esta tão necessária “qualidade da educação” só poderia acontecer se houvesse políticas comprometidas e uma administração da educação que garantisse, competentemente, esta qualidade.

Colaborador permanente das Universidades Volantes, que realizaram a extensão universitária nas décadas de 1960 e 1970, em Londrina, Cascavel e Lapa, no Estado do Paraná, instalou o seu “Laboratório de Administração Escolar” em todas aquelas ocasiões, onde estudava, debatia e aprofundava os conhecimentos sobre Administração Escolar e Educação Comparada com seus docentes/discípulos. Foi, ainda, Professor Visitante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas, sul do Paraná.

Em 1979, aposentou-se no cargo de Professor Titular do Setor de Educação da UFPR, embora tenha continuado ativamente a exercer a docência e a pesquisa. Em outubro de 1980, recebeu o título de “Professor Emérito” da Universidade Federal do Paraná.

EPÍLOGO DA HISTÓRIA DE UMA VIDA QUE CONTINUA VIVA

A realidade é sempre mais rica do que podemos apreender. Biografar uma vida é não apenas contar a história de uma vida, mas inseri-la, em toda sua trajetória, no espaço social e temporal vivido e perceber a importância desta biografia para o espaço que está sendo estudado.

Esta história de vida, aqui apresentada, é apenas o início de um estudo sobre a educação no Paraná e no Brasil do século XX, da qual o biografado foi parte integrante e atuante.

“O que se chama o espírito dos tempos não é no fundo senão o próprio espírito dos autores, em que os tempos se refletem”, afirmou Goethe. Autor e ator de um cenário que atravessa quase todo o século XX, Lauro Esmanhoto, o garoto que assistia as aulas da Professora Sílvia, sua mãe, e com ela aprendeu o significado da educação como vida, lutou muito pela vida, fez muitos sacrifícios, mas sempre com a alegria e o entusiasmo que geram vidas. Lutou pela educação de muitos, de todos. Lutou pela educação pública de qualidade em todos os níveis. Participou, criou, construiu, interviu, tanto na educação como na política. Sua vida é um espelho onde todos os educadores poderiam se mirar para aprender o que é ser educador por convicção. Sua trajetória de vida se confunde com a história da educação, no Paraná e no Brasil.

MARCAS DA UTOPIA:

NO CONVÍVIO COM O PROFESSOR LAURO ESMANHOTO

Não quero esquecer sua esguia figura
abrindo, com todo cuidado,
a porta de sua sala.

Quanto respeito tinha por nós,
estudantes, que adentrávamos seu espaço
circundado por mil livros,
em tempos tão escuros...

Gostaria de já ter aprendido sua cotidiana solicitude,
expressão de seu amor cristão ao próximo,
certamente maior do que a si próprio.

Quero vivos seu meigo olhar,
suas mãos, de longos dedos,
contato fraterno.

Nos esparsos encontros,
o mestre, aposentado, inquiria sobre o trabalho.

Para o intelectual, só nele havia sentido, identidade.
Aos que com ele partilharam a vida acadêmica
dedicou o que era: dignidade humana.
Reservou mais carinho aos que dele mais careciam.
Tolerou, humanamente, a seu modo, separar-se de nós,
hoje órfãos criados.
Laurel sobre a mesquinhez de nossa ignorância, a humildade,
lição mais difícil de ser vivida!

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Livro de Leis Municipais n. 01, Leis 001 a 142**, Curitiba/PR,1948.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Livro de Leis Municipais n .02 , Leis 143 a 238** - vol.1, Curitiba/PR,1949.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Livro de Leis Municipais n.03 Leis 239 a 30**. Curitiba/PR, 1950.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Levantamento das legislaturas e vereadores (1947-2000)**, Curitiba/PR, maio, 1999.

CÂMARA DE VEREADORES DE CURITIBA. **Livros de Leis 1947, 1948 e 1950**. Curitiba: 2000.

CARR, W. & KEMMIS, S. **Teoria crítica de la enseñansa**. Barcelona: Martins Roca, 1988.
ESMANHOTO, L. Entrevista realizada pelos Professores Evaldo Montiani Ferreira e Maria Dativa de Salles Gonçalves. Curitiba, 1999.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. & FINGER, M. (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos, pp. 17-34,1988.

FONTES SELECIONADAS de **arquivos** organizados pelas filhas Rita Esmanhoto e Maria do Pilar Esmanhoto.

GOETHE, J. W. **O Fausto**. Lisboa: Guimarães Editora, 1973.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

IANNI, O. O cidadão do mundo In: LOMBARDI, J.; SAVIANI, D. & SANFELICE, J. (Orgs). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, HISTEDBR, 2002.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

SEEC III MILÊNIO – Série Gente Nossa – Educação. Capa e Contracapa. *In*: _____ **Apostila de Matemática, Química e Biologia**. Extensivo 8B. Curitiba: Distribuidora de Material Didático, 2000.

TRINDADE, E.M.C. & ANDREAZZA, M.L. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.